

Quem me esconde o rosto



UFSC - FOTOGRAFIA  
LACERDA, DENISE. 1986

Quem me esconde o resto



Fotos realizadas no Hospital Psiquiátrico Colônia Santana  
Projeto Gráfico e Diagramação — Denise Lacerda  
Composição e Impressão: IOESC  
Orientação: José Gatti.  
Trabalho de Graduação no Curso de Comunicação Social — Hab. Jornalismo,  
da Universidade Federal de Santa Catarina.

**Agradecimentos:**

Dr. Moisés Saraiva Caldas  
Dr. Paulo Martins Collaço  
Antônio Félix de Souza Amorim Neto  
Pedro Melo  
Márcia da Silva Santos,

e, em especial, ao meu pai, minha mãe, e ao meu marido Samir Machado.

**FICHA CATALOGRÁFICA**

(Catalogação na Fonte pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina)

L131q      Lacerda, Denise  
              Quem me esconde o rosto. Quem me esconde  
              o resto: memória fotográfica da Colônia Santana /  
              Denise Lacerda.  
              Florianópolis : IOESC/UFSC, 1986.  
              36 p. : il.

CONTEÚDO: Fotografias.

1. Fotografias. I. Título.

CDU 77

**ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO (CDU)**

1 Fotografias 77

**Quem me esconde o rosto?  
Quem me esconde o resto?**

**Memória fotográfica da Colônia Santana**

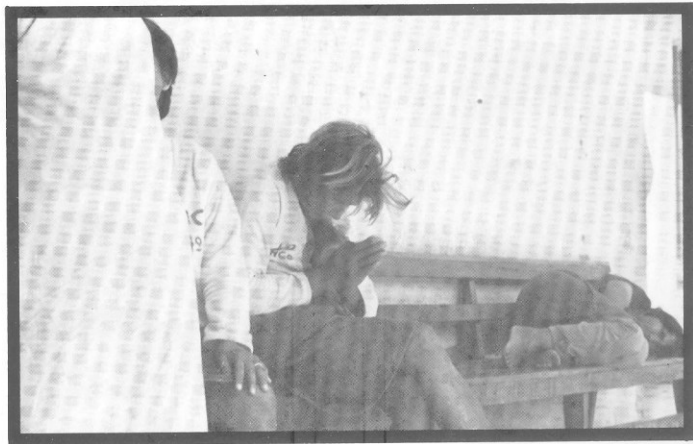
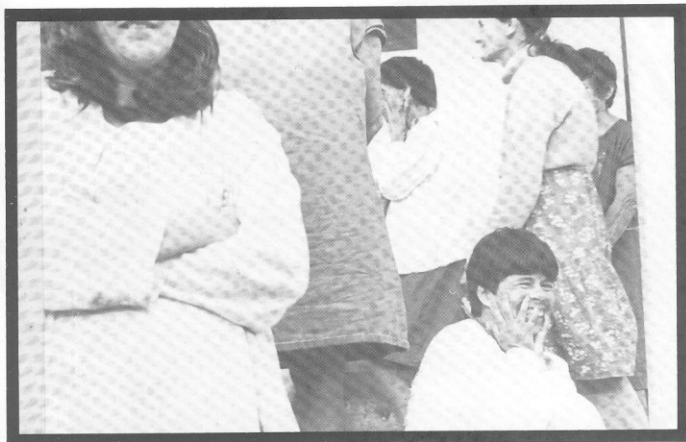
**Denise Lacerda**



**IOESC/UFSC**

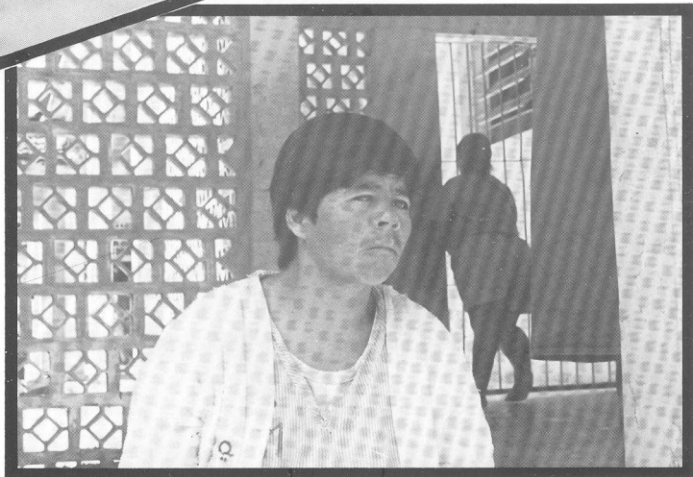






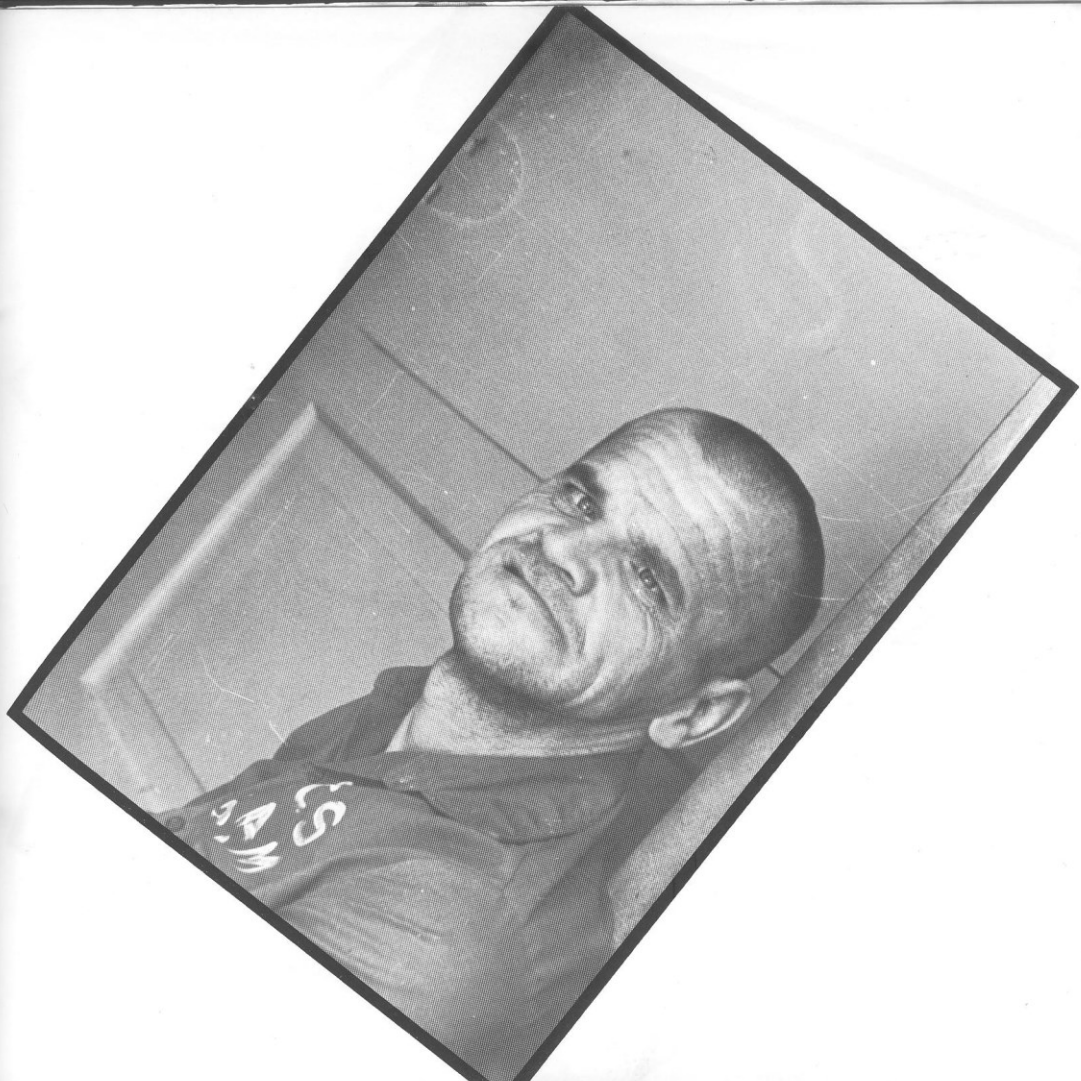


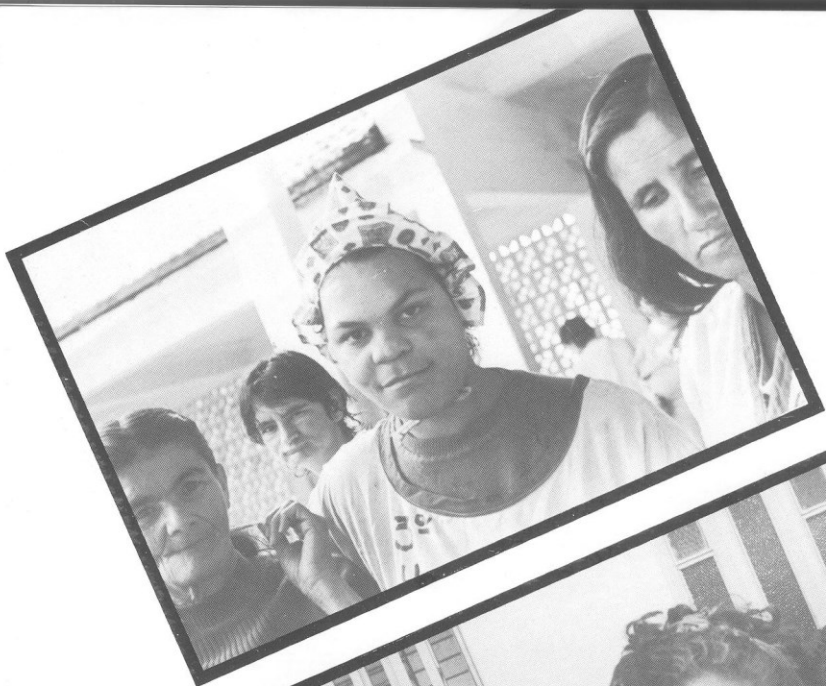




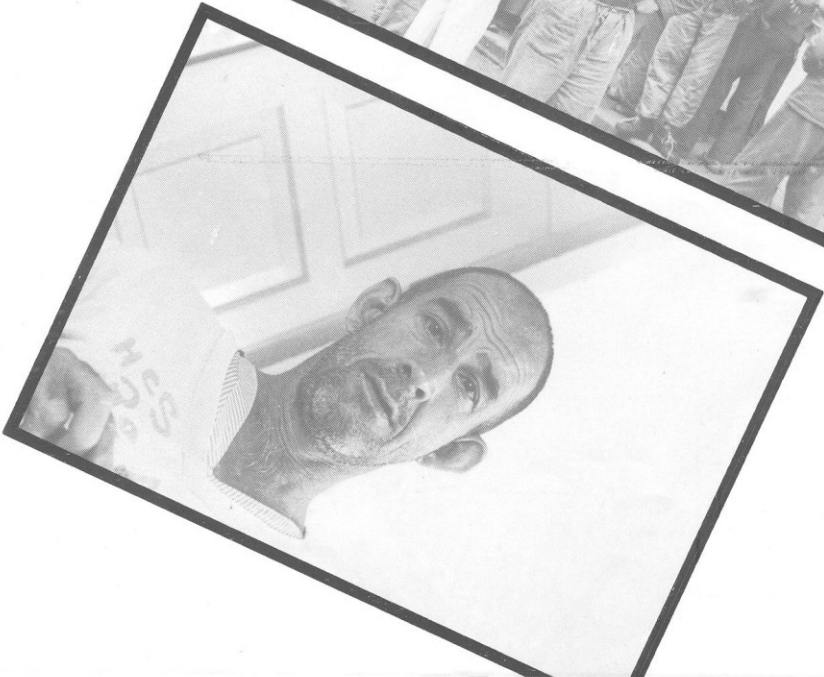






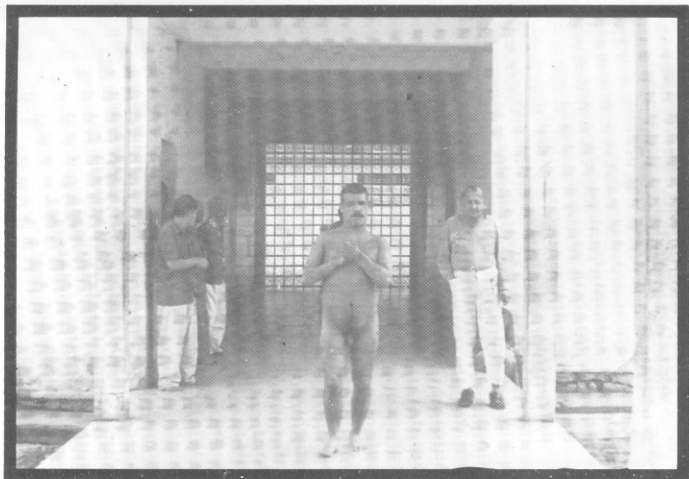


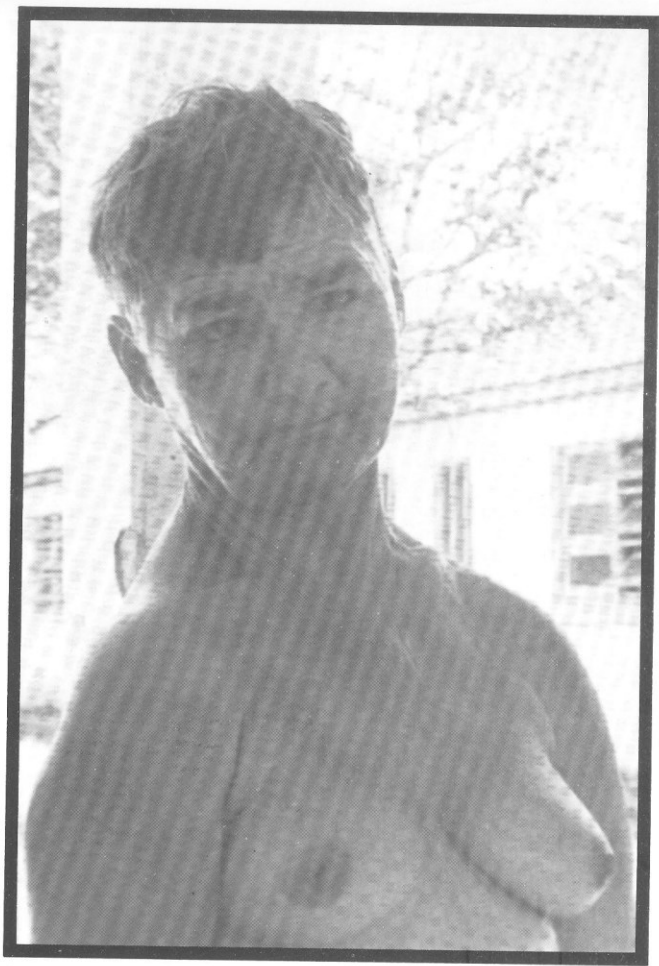


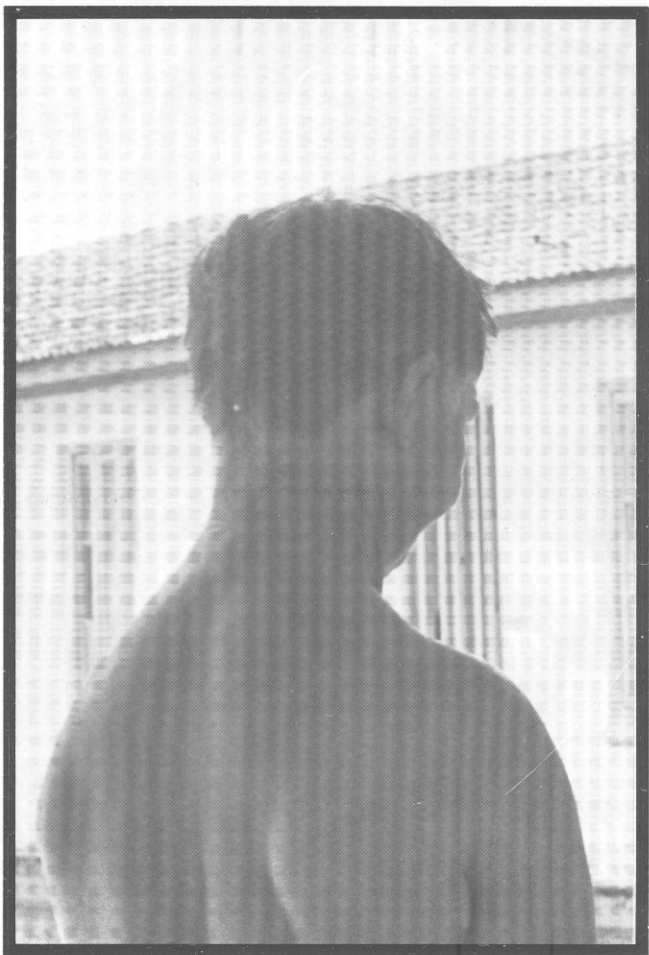




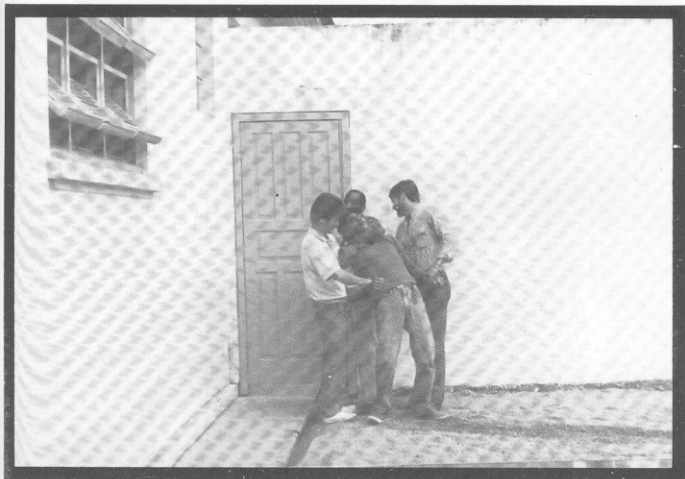










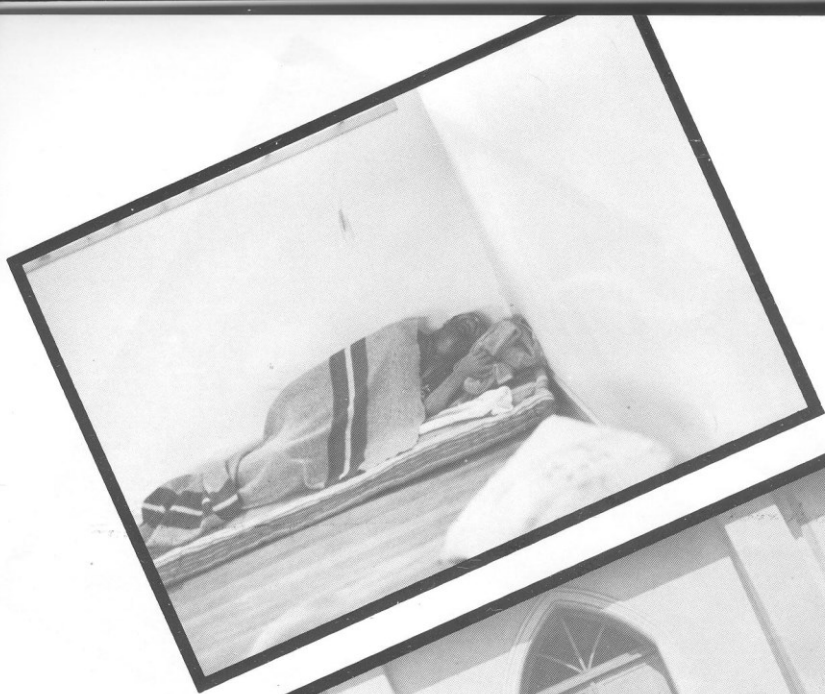










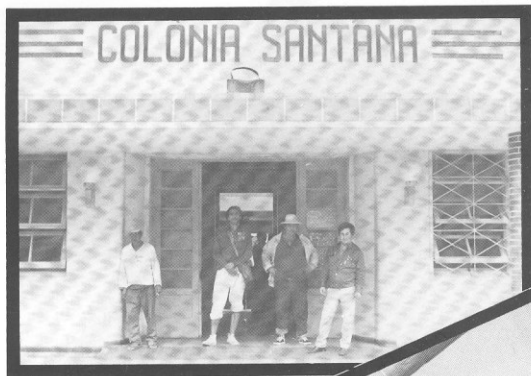


















# Memória fotográfica da Colônia Santana



(“Moça, bate uma foto minha?”) O Contato inicial com os pacientes é muito triste e complexo. No começo do trabalho, muitas vezes eu me perguntava: quem são estas pessoas tristes e encurvadas que posam tímidas diante da câmera? Que trabalham na horta, que dançam, que pintam as unhas? Serão as mesmas que caminham descalças e sem compasso com a vida? E se escondem pelos cantos com a cabeça raspada? E se enrolam nos cobertores com a boça sem dentes? Depois, com o tempo, fui me acostumando com aquela realidade esquecida. Então, passei a conhecer a colônia. As suas paredes sujas e emboloradas, as árvores, o rio. O cheiro úmido do corpo mal cuidado. A 5ª enfermaria. Os borrachudos. Os dormitórios. E a hora do almoço, sempre às 11:00h.

Dos pacientes, guardo algumas imagens que jamais esquecerei. Foi na ala das mulheres que encontrei a doçura e a vaidade. (“Quando você voltar aqui traz um batom para mim?”) Elas queriam ser fotografadas sempre que me viam com a câmera na mão. Ajeitavam os cabelos e posavam, sorridentes e orgulhosas. Em apenas três meses criei muito carinho pelos pacientes. Aprendi a ouvir os gritos estridentes sem tapar os ouvidos. Resolvi transpor o muro e desafiar a indiferença da sociedade. Serão imagens da loucura? Ou de seres desprotegidos? Não, são imagens do outro lado do muro. Assim, ficará mais fácil. Do outro lado não incomoda, ninguém vê e ninguém sofre. E as pessoas poderão dormir mais tranquilas. São apenas os outros.

A idéia deste livro surgiu depois que conheci o trabalho do fotógrafo e psicanalista Hugo Denizart. Denizart fotografou os 2.600 pacientes da Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro. Foi a partir daí que pensei em desenvolver um trabalho no Hospital Psiquiátrico Colônia Santana. Mas sem as mesmas pretensões que Denizart, é claro. Ele, como psicanalista, mantinha um convívio diário com seus pacientes, o que lhe proporcionou um conhecimento profundo dessas figuras humanas esquecidas. Entretanto, não havia nada que me impedisse de realizar um trabalho jornalístico. E foi o que eu fiz. Tentei penetrar no mundo dos habitantes da colônia. Procurei conhecer este ser humano diferente, e principalmente, compreender a distinção entre “loucos” e “normais”, imposta por nós. Não posso deixar de citar a importância que o livro “Imagens do Inconsciente” de Nise da Silveira, teve em meu trabalho.

A autora me provou com palavras o que mais tarde constatei com fatos: a importância do afeto para a reestruturação da psique. Nise da Silveira trata da abstração e das implicações sociais e psicológicas no paciente. Jamais pensei em realizar um tratado psiquiátrico, mas procurei conhecer os fragmentos deste mundo oculto e esquecido pela memória. Apenas com uma câmera, registrei imagens de seres abandonados e desprezados. Homens, mulheres e crianças, sem carinho e sem atenção. (“Você é a filha da minha prima que veio me buscar”).